

O cinema como elucidação teórica: estudos sobre Bauman em *Eu, Daniel Blake*

Cinema as theoretical elucidation: studies on Bauman in *I, Daniel Blake*

El cine como elucidación teórica: estudios sobre Bauman en *Yo, Daniel Blake*

Recebido: 17/08/2022 | Revisado: 24/08/2022 | Aceito: 25/08/2022 | Publicado: 02/09/2022

Cauê Duarte

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4719-5613>
Universidade Federal de Pelotas, Brasil
E-mail: caueduar@gmail.com

Rafael Montoito

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3294-3711>
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense, Brasil
E-mail: xmontoito@gmail.com

Resumo

Este artigo compõe uma série de estudos teóricos que aproximam alguns filmes da obra *Modernidade Líquida*, de Zygmunt Bauman, sociólogo polonês; neste texto, será apresentada uma análise do filme *Eu, Daniel Blake*, tomado como representativo do capítulo *Trabalho*, da referida obra. O artigo tem, por objetivos, estabelecer uma conexão entre a linguagem cinematográfica e os estudos do sociólogo, além de advogar pelo uso de obras cinematográficas em aulas de diferentes cursos e níveis, visando à experiência estética enquanto possibilidade formadora do ser no mundo. Como metodologia de análise do filme, foram utilizadas as análises textual e de conteúdo, por meio de fotogramas escolhidos. Como resultado da análise, percebe-se que o filme pode ser tomado como uma metáfora do capítulo *Trabalho*, o que facilita sua compreensão teórica, quando aborda questões como o trabalho informal e as pessoas que se veem alijadas para fora do mundo do trabalho e dos sistemas de proteção do Estado.

Palavras-chave: Cinema; Modernidade líquida; Trabalho.

Abstract

This paper composes a series of theoretical studies which bring some movies closer to the book *Liquid Modernity*, by Zygmunt Bauman, Polish sociologist; in this text, an analysis of the film *I, Daniel Blake* will be presented, taken as representative of the chapter named *Work* of the aforementioned work. The article aims to establish a connection between cinematographic language and sociologist studies, in addition to advocating for the use of cinematographic works in classes of different courses and levels, aiming at the aesthetic experience as a formative possibility of being in the world. As a methodology for analyzing the film, textual and content analysis were used, through chosen frames. As a result of the analysis, it can be observed that the film can be taken as a metaphor for the *Work* chapter, which facilitates its theoretical understanding, when it addresses issues such as informal work and people who find themselves thrown out of the world of work and state protection systems.

Keywords: Cinema; Liquid modernity; Work.

Resumen

Este artículo forma parte de una serie de estudios teóricos que acercan algunas películas a la obra *Modernidad Líquida*, de Zygmunt Bauman, sociólogo polaco; en este texto, se presentará un análisis de la película *Yo, Daniel Blake*, tomada como representativa del capítulo *Trabajo*, de dicha obra. El artículo tiene por objetivos establecer una conexión entre el lenguaje cinematográfico y los estudios del sociólogo, además de abogar por el uso de obras cinematográficas en clases de diferentes cursos y niveles, visando a la experiencia estética como posibilidad formadora del ser en el mundo. Como metodología de análisis de la película, se utilizaron los análisis textual y de contenido, por medio de fotogramas elegidos. Como resultado del análisis, se percibe que la película puede ser tomada como una metáfora del capítulo *Trabajo*, lo que facilita su comprensión teórica, cuando aborda cuestiones como el trabajo informal y las personas que se ven desplazadas fuera del mundo del trabajo y de los sistemas de protección del Estado.

Palabras clave: Cinema; Modernidad líquida; Trabajo.

1. Introdução

No início de 2020, durante a pandemia do COVID-19, a necessidade de isolamento social obrigou a sociedade a buscar diferentes estratégias para adaptar suas práticas; com a educação, não foi diferente. Nesse contexto a escola teve que se

adaptar e o docente precisou pensar em como transpor suas práticas para formatos que dispensam interações presenciais.

A pandemia, além das questões sanitárias, escancarou também a falta de apoio efetivo dos programas de governo à formação e formação continuada de professores; tais programas, quando há, não têm longa extensão e não atingem a educação de forma maciça, o que ficou evidente pelo fato de, na maioria dos casos, os professores terem que buscar estratégias e metodologias próprias para “aprenderem” a dar suas aulas, contando com pouca ou nenhuma capacitação ou programa que lhe ajudasse a dominar as novas tecnologias que passaram a ser incorporadas no ensino remoto. Esses esforços dos profissionais da educação para não perder o ano letivo, atingindo da pré-escola à pós graduação ressaltaram “as influências de uma política que tem favorecido o capital em detrimento do trabalho e sacrificado a prevenção e a precaução em nome da rentabilidade e da competitividade” (Morin, 2020, p. 37).

O período da pandemia, que inegavelmente será lembrado por todos, exacerbou o adoecimento docente, conforme vários estudos têm mostrado (Pachiega; Milani, 2020; Marques, 2021; Oliveira; Pereira Junior, 2021). Em uma sociedade já adoecida por tantas outras questões que não cabem aqui serem retomadas, o professor vivenciou a sobreposição do seu tempo de trabalho com o de atividades domésticas e familiares: junto às atividades corriqueiras, precisou filmar e editar vídeos (tarefas desconhecidas pela maioria dos docentes até então), acessar plataformas, atuar em chats, responder mensagens em diversas horas do dia etc.; esta nova rotina impeliu os professores a se transformarem em um seres multitarefas, o que

não representa nenhum progresso civilizatório. A multitarefa não é uma capacidade para a qual só seria capaz o homem na sociedade trabalhista e de informação pós-moderna. Trata-se antes de um retrocesso. A multitarefa está amplamente disseminada entre os animais em estado selvagem. Trata-se de uma técnica de atenção, indispensável para sobreviver na vida selvagem (Han, 2017, p. 31-32).

Neste contexto, o Programa de Pós-graduação em Educação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense, no segundo semestre de 2020, ofereceu a disciplina *Estudos em Bauman: interlocuções com o cinema*¹, a qual se apoiava em obras fílmicas para discutir os capítulos da obra *Modernidade Líquida*. Seu plano pedagógico considerou dois aspectos muito presentes naqueles dias: o cansaço que os alunos do curso de pós-graduação (a maioria deles, professores) relatavam sentir e a tensão que havia no ar num mundo ainda sem vacinas. Por isso, a disciplina foi planejada para ser um espaço de estudo mas, também, de lazer: à primeira parte cabia a obra de Bauman; à outra, diferentes filmes (da comédia ao drama, do *cult* ao *blockbuster*) se propunham a trazer, para os alunos, alguns momentos de entretenimento. Os encontros entre professor e alunos foram feitos de forma síncrona, utilizando uma sala do *Googmeet*, quinzenalmente; nas semanas em que não havia encontros, aos alunos era solicitado que vissem o filme sugerido. Cada filme foi escolhido de modo a ter potencial para elucidar o capítulo estudado, isto é, que sua história tivesse elementos (personagens, situações, cenários etc.) representativos das ideias que Bauman apresenta aos leitores e estudiosos de sua obra. Deste modo, esperava-se também que fosse estabelecido um diferente vínculo entre professor e alunos, levando-se em conta os desafios que é educar na modernidade líquida (Silva et al., 2022).

2. Bauman Vai ao Cinema

Não é nenhuma novidade, no campo da Educação, o professor se utilizar de obras cinematográficas para introduzir ou discutir conteúdos a serem ensinados. Entretanto, a proposta pedagógica da disciplina *Estudos em Bauman: interlocuções com o cinema* abraçava os filmes elencados não apenas como propedêuticos, mas como “escola de vida”, expressão utilizada por

¹ É importante ressaltar que este artigo foi construído pelas reflexões de um dos alunos da disciplina (o primeiro autor) e pelo professor que a propôs (o segundo autor), passado mais de ano da disciplina ministrada. Neste sentido, o texto não contempla as reflexões que emergiram durante a aula, dos demais alunos, motivo pelo qual o artigo configura-se como um ensaio teórico e, por isso, segundo a resolução 510/2016, o trabalho está dispensado de submissão ao CEP.

Morin (2004) para adjetivar a literatura e o cinema. Para o autor, filmes e livros têm o potencial de ensinar a complexidade humana, o que “faz parte do conhecimento da condição humana; e esse conhecimento nos inicia a viver, ao mesmo tempo, com seres e situações complexas” (Morin, 2004, p. 49). “No âmago da leitura ou do espetáculo cinematográfico, a magia do livro ou do filme faz-nos compreender o que não compreendemos na vida comum. Nessa vida comum, percebemos os outros apenas de forma exterior, ao passo que na tela e nas páginas do livro eles nos surgem em todas as suas dimensões, subjetivas e objetivas” (Morin, 2004, p. 50).

Pensar o cinema como uma escola é apostar que a “experiência estética proporcionada pela obra de arte atinge o espectador de forma que possibilite o seu crescimento, pois lhe oferece material para o exercício de sua reflexão e de sua sensibilidade de forma integrada” (Nogueira, 2009, p. 129). Tal como apregoa Nogueira (2009),

Entendemos que a Arte, assim como a Ciência, a Filosofia, a Religião, são formas de conhecimento humano, são meios pelos quais a humanidade tem tentado compreender a realidade. A Arte é, portanto, uma forma de interpretação do real, nem superior, nem inferior às demais: é apenas mais uma. É também múltipla, pois varia de acordo com suas diferentes modalidades ou linguagens: música, artes visuais, teatro, dança, cinema, fotografia entre outras. A experiência estética seria justamente aquilo que acontece ao espectador no espaço e no tempo em que a Arte está sendo fruída (Nogueira, 2009, p. 128-129).

As discussões de Bauman sobre a *Modernidade Líquida* já foram temas de várias pesquisas acadêmicas: Argenti (2010), Osório (2013), Kurtz (2014), Cassales (2015), Oliveira (2016), Garim e Montoito (2019) e Montoito e Garim (2020) apresentaram estudos sobre partes dos escritos baumanianos que, cotejados com obras fílmicas, apostam na perspectiva de que

A experiência estética, que brinda a oportunidade para contar histórias – as dos outros, na arte, e as próprias que são provocadas pela mesma experiência, clima e discussão – do aluno, da pessoa em formação – não podem ser ignoradas. Saber conhecê-las melhor, assim como as suas manifestações para poder lidar com elas é o nosso objetivo. [...] A dimensão afetiva e a participação das emoções no processo formativo, e a facilidade para prender-se no concreto, no plástico, representado pela imagem e pelas histórias de vida, oferecem-nos um norte para trabalhar as emoções e progredir na educação afetiva (Blasco, 2006, p. 27).

Em sua obra *Modernidade Líquida*, Bauman (2001) apresenta sua ideia central sobre a nova reconfiguração dos tempos modernos, ideia essa que permeará todos os seus demais escritos. A modernidade líquida se contrapõe à modernidade sólida, ou seja, ainda se está na linha histórica-temporal da modernidade, mas numa nova “versão” que tem características específicas. Ao usar a metáfora da liquidez, Bauman explica que

Os fluidos se movem facilmente. Eles “fluem”, “escorrem”, “esvaem-se”, “respigam”, “transbordam”, “vazam”, “inundam”, “borrifam”, “pingam”; são “filtrados”, “destilados”; diferentemente dos sólidos, não são facilmente contidos – contornam certos obstáculos, dissolvem outros e invadem ou inundam seu caminho. Do encontro com os sólidos emergem intactos, enquanto os sólidos que encontraram, se permanecem sólidos, são alterados – ficam molhados ou encharcados. A extraordinária mobilidade dos fluidos é o que os associa à ideia de “leveza”. Há líquidos que, centímetro cúbico por centímetro cúbico, são mais pesados que muitos sólidos, mas ainda assim tendemos a vê-los como mais leves, menos “pesados” que qualquer sólido. Associamos “leveza” ou “ausência de peso” à mobilidade e à inconstância: sabemos pela prática que quanto mais leve viajamos, com maior facilidade e rapidez nos movemos. Essas são razões para considerar “fluidez” ou “liquidez” como metáforas adequadas quando queremos captar a natureza da presente fase, *nova* de muitas maneiras, na história da modernidade (Bauman, 2001, p. 8-9).

Entender a modernidade líquida em detrimento da sua antecessora, outrora sólida, é compreender que hoje impregna o viver a urgência, a necessidade constante de mudança e de adaptação, a imediatez, a substituição constante de algo por sua nova versão (dita) melhorada: na visão do sociólogo, tudo foi afetado pela velocidade e escorre, tornando-se impossível de pegar, manipular, observar, apreender e aprender como era viável fazer com suas versões anteriores, sólidas. A liquidez hoje é

característica precípua das relações interpessoais (Bauman, 2004), dos planos políticos (Bauman & Bordoni, 2016), da formação das identidades (Bauman, 2005; Bauman & Raud, 2018), do consumo (Bauman, 2008) etc.

Embora vários destes temas permeiem *Modernidade Líquida*, esta obra basilar do pensamento baumaniano discute cinco temas, em cinco capítulos, cujas mudanças são, para Bauman, as mais impactantes na nova organização social. Na disciplina *Estudos em Bauman: interlocuções com o cinema*, cada capítulo foi articulado a uma obra fílmica, conforme apontado no quadro a seguir:

Quadro 1: Capítulos da obra e os filmes sugeridos.

CAPÍTULOS DA OBRA E OS FILMES SUGERIDOS		
CAPÍTULOS	FILME SUGERIDO	INFORMAÇÕES ADICIONAIS
Emancipação	Ensaio sobre a cegueira	Filme de 1995; Coprodução nipo-canado-britano-italo-brasileira; Drama
Individualidade	Amor.com	Filme de 2017; Produção nacional; Comédia romântica
Tempo/espaço	O círculo	Filme de 2017; Produção americana; Aventura
Trabalho	Eu, Daniel Blake	Filme de 2016; Produção Inglesa; Drama
Comunidade	A vila	Filme de 2004; Produção Americana; Suspense

Fonte: Autores (2022).

Conforme anunciado no título deste artigo, à frente o filme *Eu, Daniel Blake*, será comentado, a partir da análise feita, como uma obra com potencial para a elucidação teórica do capítulo *Trabalho*. A ideia de uma “elucidação teórica” está associada ao modo, anteriormente apresentado, como Blasco (2006), Morin (2004) e Nogueira (2009) defendem o cinema como experiência estética e de aprendizagem do indivíduo como um ser no mundo: aposta-se, portanto, que *Eu, Daniel Blake*, para além de ter cenas que são bem representativas daquilo que Bauman fala sobre “Trabalho”, consegue “deslocar” o espectador das suas próprias vivências para olhar o outro, compreendê-lo, entender suas motivações e angústias – e é nesta conexão que se dá entre espectador e história que os conceitos teóricos ficam mais vivazes e são captados e compreendidos mais significativamente. Neste tipo de acercamento teórico e pedagógico, se reconhece que “não é função da arte “contadora de histórias” ou narrativa o simples divertir, ou passatempo; mas sim provocar sentimentos – alegria, entusiasmo, aprovação, rechaço, condena – que configuram o ‘coração das gentes’” (Blasco, 2006, p. 25) e, portanto, os sentimentos que vêm à tona são pujantes elementos para a elucidação teórica daquilo que se estuda.

3. O Capítulo *Trabalho* em *Modernidade Líquida*: Breves Comentários

O direito ao trabalho é um instrumento de efetivação da dignidade social da pessoa humana, no sistema capitalista (Miraglia, 2009). No campo jurídico, como ressaltam Gonçalves e Lopes (2013, p. 129), “o exercício da função laborativa é um direito transcendental que se origina no cerne dos direitos naturais e é ali que se situa, também, como parte da raiz da dignidade da pessoa humana”; sem ele, “o que se infere, de fato, é que um homem sem trabalho é um homem sem honra, sem auto-estima, sem amor-próprio, um ‘zumbi’ social, sem dignidade, um pária social” (Gonçalves & Lopes, 2013, p. 135).

Não obstante, as relações e postos de trabalho mudaram sobremaneira da modernidade sólida para a líquida. Na primeira,

Quaisquer que tenham sido as virtudes que fizeram o trabalho ser elevado ao posto de principal valor dos tempos modernos, sua maravilhosa, quase mágica, capacidade de dar forma ao informe e duração ao transitório certamente está entre elas. Graças a essa capacidade, foi atribuído ao trabalho um papel principal, mesmo decisivo, na moderna ambição de submeter, encilhar e colonizar o futuro, a fim de substituir o caos pela ordem e a contingência pela previsível (e portanto controlável) sequência dos eventos. Ao trabalho foram atribuídas muitas virtudes e efeitos benéficos, como, por exemplo, o aumento da riqueza e a eliminação da miséria; mas subjacente a todos os méritos atribuídos estava sua suposta contribuição para o estabelecimento da ordem, para o ato histórico de colocar a espécie humana no comando de seu próprio destino (Bauman, 2001, p. 172).

Na modernidade líquida, com o encurtamento do tempo², a projeção de uma ordem duradoura se esfacela; “a continuidade não é mais marca de aperfeiçoamento [...]. Numa vida guiada pelo preceito de flexibilidade, as estratégias e planos de vida só podem ser de curto prazo” (Bauman, 2001, p. 173) e quase não há mais perspectivas de o trabalhador sentir-se seguro sabendo que passará todos seus anos empregado na mesma firma ou empresa, progredindo em sua carreira. Atualmente, “o trabalho não pode mais oferecer o eixo seguro em torno do qual envolver e fixar autodefinições, identidades e projetos de vida [...]. Em vez disso, o trabalho adquiriu – ao lado de outras atividades da vida – uma significação principalmente estética. Espera-se que seja satisfatório por si mesmo e em si mesmo” (Bauman, 2001, p. 175). Dito de outro modo, há um discurso social na modernidade líquida de que o trabalho tem que gerar prazer ao trabalhador, o que não seria de todo errado se este discurso não deslocasse, para esse, a responsabilidade de estar feliz, satisfeito e bem remunerado com a atividade que desempenha. A solução para a insatisfação ou infelicidade não pode ser, só e simplesmente, buscar um novo trabalho – há embates nas relações de trabalho, nos planos de governo e na expansão do capital que não podem ficar translúcidas.

Reflexo do processo de emancipação³, o trabalhador muitas vezes sente-se à deriva, sendo responsabilizado por suas “escolhas”. Por conseguinte, acabou se constituindo uma força individualizadora que divide ao invés de unir, de modo que a ideia do interesse comum enevoa-se cada vez mais e perde o valor prático.

Os medos, ansiedades e angústias contemporâneas são feitos para serem sofridos em solidão. Não se somam, não se acumulam numa ‘causa comum’, não têm endereço específico, e muito menos óbvio. Isso priva as posições de solidariedade de seu status antigo de táticas racionais e sugere uma estratégia de vida muito diferente da que levou ao estabelecimento das organizações militantes em defesa da classe trabalhadora (Bauman, 2001, p. 186).

Para Bauman, na sociedade líquida, “o emprego parece um acampamento que se visita por alguns dias e que se pode abandonar a qualquer momento se as vantagens oferecidas não se verificarem ou se forem consideradas insatisfatórias – e não como um domicílio compartilhado onde nos inclinamos a ter trabalho e construir pacientemente regras aceitáveis de convivência (Bauman, 2001, p. 187). Assim, os vínculos interpessoais também ficam comprometidos.

O sociólogo demarca aqueles que são, ao seu ver, os quatro grupos de pessoas envolvidos em atividades econômicas: (1) manipuladores de símbolos: inventam as ideias e maneiras de torná-las atrativas e vendáveis; (2) reprodutores de trabalho (educadores ou diversos funcionários do Estado de bem-estar); (3) pessoas empregadas em serviços pessoais, que requerem

² A ideia do encurtamento do tempo é exposta por Bauman (2001) no capítulo *Tempo/Espaço*. Para o sociólogo, as tecnologias digitais, que permitem a troca praticamente instantânea de dados e informações, acabaram por reconfigurar a noção que o indivíduo tem do tempo, bem como a estreitar, ou praticamente apagar, as fronteiras geográficas.

³ *Emancipação* é o primeiro capítulo de *Modernidade Líquida*, no qual Bauman discute que, cada vez mais, o indivíduo está sendo abandonado pelo Estado e, ficando à deriva, deve cuidar de suas próprias necessidades. A ideia de que cada um pode escolher o que quiser é tentadora, mas não passa de uma quimera, haja vista que as escolhas são muitas vezes ditadas por aquilo a que o indivíduo tem ou não acesso e, ainda, ele terá que lidar com as responsabilidades que delas decorrem. Vale a pena ressaltar que, em *Modernidade Líquida*, cada capítulo, apesar de ter um tema central, guarda íntima aproximação com os demais; por esse motivo, o leitor que quiser acompanhar as citações trazidas neste texto não deve se espantar se perceber que o extrato trazido aparece, na obra original, em algum dos outros capítulos.

encontros face a face com os que recebem o produto (vendedores e prestadores de serviço);(4) o substrato social do movimento operário: trabalhadores de rotina. Sobre o grupo (4), afirma:

Hoje em dia tendem a ser as partes mais dispensáveis, disponíveis e trocáveis do sistema econômico. Em seus requisitos de emprego não constam nem habilidades particulares, nem a arte da interação social com clientes – e assim são os mais fáceis de substituir; têm poucas qualidades especiais que poderiam inspirar seus empregadores a desejar mantê-los a todo custo; controlam, se tanto, apenas parte residual e negligenciável do poder de barganha. Sabem que são dispensáveis, e por isso não veem razões para aderir ou se comprometer com seu trabalho ou entrar numa associação mais durável com seus companheiros de trabalho (Bauman, 2001, p. 191).

Uma das decorrências de viver neste cenário é que, vivendo no mundo do desemprego estrutural, “ninguém pode se sentir verdadeiramente seguro. Empregos seguros em empresas seguras parecem parte da nostalgia dos avós; nem há muitas habilidades e experiências que, uma vez adquiridas, garantam que o emprego será oferecido e, uma vez oferecido, será durável” (Bauman, 2001, p. 202). Como modo de lidar com estas inquietações, Bauman (2001) aponta que, para maquiagem a falta de segurança, o indivíduo busca a satisfação imediata. A máxima de que “qualquer oportunidade que não for aproveitada aqui e agora é uma oportunidade perdida; não aproveitar é assim imperdoável e não há desculpa fácil para isso, e nem justificativa” (Bauman, 2001, p. 204) transforma o indivíduo em consumidor, e os objetos consumidos são dos mais diversos: de bens duráveis a relações afetivas.

Outra decorrência da liquidificação do trabalho é o fato de que se torna difícil desenvolver confiança num mundo em constante mudança, o que afeta a autoconfiança do indivíduo. Ainda, citando Pierre Bourdieu, Bauman (2001) mostra que há ligação entre autoconfiança e o enfraquecimento da vontade de engajamento político e ação coletiva. Dito de outro modo, as mudanças na forma de trabalho levaram a um cenário de insegurança e de pouca articulação para os bens comuns. Outrossim, elas acabam interferindo em outros aspectos da vida do indivíduo, pois, por exemplo, o desemprego ou subemprego fomenta as desigualdades sociais, o que reverbera na própria saúde do indivíduo (Lopes; et al., 2020).

Muitos dos pontos teóricos expostos nesta seção são elucidados por *Eu, Daniel Blake*, de modo que o filme se mostra profícuo para discuti-los. A seguir, serão apresentadas algumas análises deste filme, mas antes julga-se pertinente expor a metodologia utilizada para, não só fazer as análises, como também identificar esta obra como sendo representativa do capítulo *Trabalho*.

4. Metodologia

Segundo Penafria (2009), não existe uma metodologia universalmente aceita para análise de filmes; entretanto, a pesquisadora afirma que todas que as costuma mobilizar (como análise textual, de conteúdo, poética e da imagem e som) fazem dois movimentos importantes: “decompor, ou seja, descrever e, em seguida, estabelecer e compreender as relações entre esses elementos decompostos, ou seja, interpretar” (Penafria, 2009, p. 1). As quatro análises citadas podem ser manipuladas separada ou conjuntamente, com o objetivo de “explicar/esclarecer o funcionamento de um determinado filme e de propor-lhe uma interpretação” (Penafria, 2009, p. 1).

Nesse artigo, as interpretações foram elaboradas por meio de análise de conteúdo e textual. A primeira implica identificar-se com o tema do filme e fazer um resumo “da história e a decomposição do filme tendo em conta o que o filme diz a respeito da trama” (Penafria, 2009, p. 6); a segunda entende o filme como um grande texto, a cujos códigos perceptivos (capacidade de o espectador reconhecer objetos na tela), culturais (capacidade de o espectador interpretar o que vê na tela segundo sua cultura) e específicos (capacidade de o espectador interpretar o que vê na tela a partir de recursos cinematográficos, como a montagem) Penafria (2009) sugere que seja dada atenção.

Para relacionar *Eu, Daniel Blake* com o quarto capítulo de *Modernidade Líquida*, utilizou-se de um procedimento de análise bastante comum, o qual “consiste em retirar fotogramas de um filme. Propomos aqui que este procedimento seja produtivo em outros momentos de reflexão. Para tal é necessário que esses fotogramas não sejam apenas utilizados para embelezar o texto, há que transformá-los num instrumento de trabalho” (Penafria, 2009, p. 7).

Sendo assim, em movimentos de decomposições que consideraram cenas e diálogos, foram elaboradas interpretações de *Eu, Daniel Blake* que, como será percebido, elucidam as discussões teóricas do capítulo *Trabalho*. Este drama inglês, que levou a Palma de Ouro de Melhor Filme em Cannes, em 2016, estava, à época da disciplina, disponível na Netflix, que é a maior plataforma de streaming do mundo (Battaglia, 2021), podendo, assim, ser acessado facilmente pelos alunos.

5. *Eu, Daniel Blake*: Algumas Análises

Resumidamente, o filme do diretor Ken Loach, de 2016 (Reino Unido), conta a história de Daniel Blake, um carpinteiro que, após perder a esposa, sofre um ataque cardíaco e inicia uma luta contra o sistema previdenciário do Reino Unido para continuar no emprego em que está há anos ou receber o benefício previdenciário. Em sua jornada, conhece Katie (Figura 1), uma mãe em situação semelhante, também desamparada pelo sistema social. Este breve resumo cumpre o papel da análise textual pois, ainda que bastante conciso, é fácil perceber que, da história, já emergem aspectos tratados por Bauman no capítulo *Trabalho*: o aumento do desemprego e do contingente de pessoas que não consegue voltar ao sistema ao mundo do trabalho, os entraves burocráticos dos sistemas governamentais, o modo como todos são reduzidos a uma ficha de atendimento, tendo suas personalidades descartadas em prol de um tratamento “igualitário”. Disso, decorre que o filme tem, mesmo, potencial para ser um instrumento pedagógico para elucidar a teoria, ou seja, um átrio convidativo às reflexões baumanianas sobre a temática tratada.

Figura 1: Katie desamparada pelo sistema social.



Fonte: Print de tela do filme *Eu, Daniel Blake* (2016).

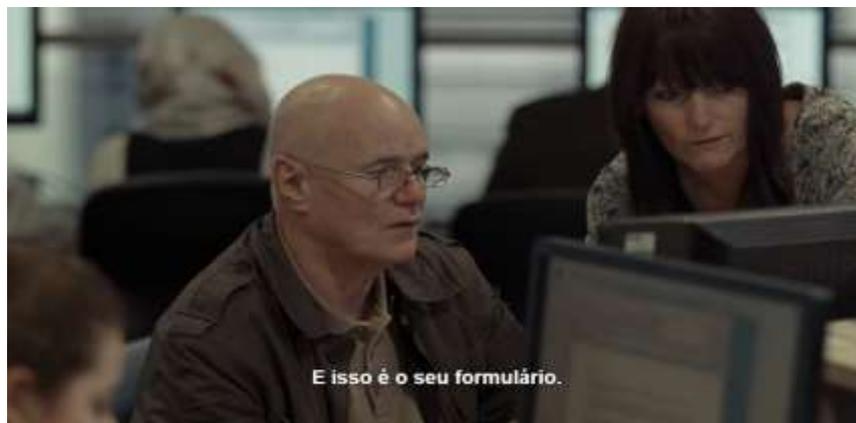
Na cena destaca na Figura 1, percebe-se um diálogo muito consistente com o quarto capítulo do livro *Modernidade Líquida*, de Zygmunt Bauman. Nesta obra, Bauman explica que, na modernidade sólida, o trabalho era um dos pilares que o indivíduo assumia como sendo constitutivo do seu futuro – esse futuro era o esperado pelo protagonista do filme, Daniel, que, após anos de trabalho intenso, pensava poder viver o resto de seus dias do seu labor; entretanto, quando precisou se utilizar de um auxílio temporário em função de sua incapacitação para o trabalho, teve o acesso a tal auxílio primeiramente dificultado e, depois, negado. E, sem poder exercer seu ofício, Daniel fica à margem da sociedade. “Esse fundamento da fé no progresso é hoje visível principalmente por suas rachaduras e fissuras. Os mais sólidos e menos questionáveis de seus elementos estão

perdendo seu caráter compacto junto com sua soberania, credibilidade e confiabilidade. A fadiga do Estado moderno é talvez sentida de modo mais agudo” (Bauman, 2001, p. 168).

Tanto Daniel quanto Katie percebem que receber algum auxílio do estado não é uma tarefa trivial; por meio disso, o diretor faz uma crítica ao desmonte das políticas públicas do Estado e mostra a burocracia além da frieza dos funcionários do Departamento de Serviço Social Inglês, equivalente ao da Previdência Social Brasileira.

Já nos primeiros momentos do filme, percebe-se a ineficiência do estado para atender o cidadão e, até mesmo, a informatização da documentação necessária, que poderia causar alguma celeridade no processo, acaba sendo instrumento de exclusão social, seja pela complexidade das normas burocráticas ou até mesmo pela dificuldade do protagonista com o uso de computadores e internet, como é percebido na Figura 2.

Figura 2: Daniel não conhece novas tecnologias.



Fonte: *Print de tela do filme Eu, Daniel Blake* (2016).

Um dos reflexos do que Bauman chama de liquefação da modernidade é que “a ausência, ou a mera falta de clareza, das normas – anomalia – é o pior que pode acontecer às pessoas em sua luta para dar conta dos afazeres da vida” (Bauman, 2001, p. 31), pois isso torna o indivíduo o único responsável pela sua qualidade de vida, estando ele apto a assumir isso ou não. Eximindo o Estado de sua participação social, ou em acordos leoninos (conforme a cena mostrada na Figura 3), nos quais as vantagens do Estado superam em muito as dos indivíduos, consoante com os ideais neoliberais, tanto o trabalho quanto os planos para longo prazo, que eram considerados como principais valores e que tornavam o indivíduo responsável por seu projeto de vida, perdem totalmente seu sentido.

Figura 3: Acordo entre indivíduo e estado.



Fonte: *Print de tela do filme Eu, Daniel Blake (2016)*

Possivelmente sem se dar conta, Daniel luta contra uma sociedade que cada vez mais canta odes ao individualismo, cujos estribilhos são expressos na forma “cuidemos de nossos problemas, e apenas de nossos problemas, com a consciência limpa. Há pouco a ganhar fazendo o trabalho que ninguém pode fazer senão nós mesmos” (Bauman, 2001, p. 85). A luta de Daniel contra o Estado é desigual e, fora de um grupo que entenda a coletividade para lutar por seus direitos, sua força de ataque é solapada – mesmo assim, Daniel consegue fazer-se ouvir (ou melhor, *fazer-se ler*) quando picha o prédio do serviço social, demonstrando toda a sua indignação, conforme se vê na Figura 4.

Figura 4: O protesto de Daniel.



Fonte: *Print de tela do filme Eu, Daniel Blake (2016)*

Vale a pena ressaltar a última frase pichada: *And change the shit music on the phones*, que, em tradução livre, seria *E troquem a droga da música dos telefones*. Tal reivindicação faz sentido a todos que, reconhecendo os códigos perceptivos e culturais (Penafria, 2009), identificam-se, em cada chamada que já fizeram para algum teleatendimento,

Na modernidade líquida, quando o trabalho deixa de assumir a centralidade do modo como o indivíduo projeta seu futuro, o trabalho acaba se transformando em mero produto e os sindicatos e organizações coletivas pedem força – anteriormente, na modernidade sólida, patrões e empregados tinham claro que “para o bem ou para o mal, os antagonistas estavam unidos por dependência mútua. O confronto, testes de força e a barganha que se seguiam reforçavam a unidade das partes em conflito precisamente porque nenhuma delas podia continuar sozinha e ambos os lados sabiam que sua sobrevivência

defendia de encontrar soluções que todos consideravam aceitáveis” (Bauman, 2001, p. 184). Agora, os indivíduos são abandonados à própria sorte e, por isso, Han (2017), consoante aos escritos de Bauman, aborda a forma como o empreendedorismo é vendido com salvação, e que somente sendo empreendedores de si mesmos os sujeitos poderão alcançar sucesso financeiro e social. Por diversas vezes, *empreendedorismo* é termo utilizado para maquiagem a realidade de *trabalho informal*, como, bem ilustrado no filme pela Figura 5. Abandonado à própria sorte, Han (2017) afirma que, a todo espaço que sobra, o indivíduo é levado a preencher com a necessidade de fazermos mais, até o esgotamento – o amigo de Daniel, “China”, age assim: está à margem do sistema, vendendo produtos falsificados e contrabandeados, mas mesmo assim crê que é empreendedor e que sua vida não depende de trabalho formal.

Figura 5: Vizinho de Daniel em defesa do empreendedorismo.



Fonte: Print de tela do filme *Eu, Daniel Blake* (2016)

China vive a falsa ilusão de estar no controle, sem se dar conta que

A vida de quem escolhe será sempre uma bênção mista [...]. Essa vida está assolada pelos riscos: a incerteza está destinada a ser para sempre a desagradável mosca na sola da livre escolha. Além disso (e a adição é importante) o equilíbrio entre a alegria e a tristeza [...] depende de fatores outros que a mera gama de escolhas à disposição. Nem todas elas são realistas; e a proporção de escolhas realistas não é função do número de itens à disposição, mas do volume de recursos à disposição de quem escolhe (Bauman, 2001, p. 112-113).

As cinco cenas escolhidas, dentre tantas possibilidades que o filme apresenta, foram aqui analisadas por meio de seus fotogramas (*prints*), conforme a metodologia de análise indicada por Penafria (2009): como códigos perceptivos, que colocam o espectador em contato com objetos que aparecem na tela, podem ser citados os guichês de atendimento – algo bastante impessoal –, computadores e contratos (e quem não tem um parente com mais idade que tem dificuldade em lidar com as tecnologias?); com relação aos códigos culturais, as cenas permitem que o espectador interprete o abandono e a impotência do indivíduo perante o Estado (quantos se identificam com isso ou acompanharam algo semelhante na vida de familiares?); e, no que tange aos códigos culturais, a escolha da paleta de cores em tons acinzentados, praticamente sem brilho e luminosidade, e a trilha sonora dão um ar melancólico e de desesperança às cenas. Percebe-se que, de fato, os códigos perceptivos, culturais e específicos favorecem a experiência estética do observador, “captando-o” para “dentro do filme” e fomentando, enquanto uma escola de vida, processos de identificação.

6. Considerações Finais

A análise de *Eu, Daniel Blake*, apresentada neste artigo, afirma o potencial pedagógico do filme para uma elucidação teórica das discussões presentes no capítulo *Trabalho*, da obra *Modernidade Líquida* (Bauman, 2001). Percebe-se, claramente, o quanto o filme dialoga com o capítulo, podendo este primeiro ser “um átrio convidativo” (Montoito & Garim, 2020) para uma introdução à obra de Bauman.

Esta interlocução possibilita, ao aluno, refletir previamente sobre os elementos teóricos trazidos por Bauman, uma vez que os filmes, por sua própria natureza, podem ser pausados, retrocedidos e reassistidos quantas vezes for necessário, favorecendo a formação do pensamento reflexivo. Contrariando a velocidade desenfreada dos dias atuais, conduzir estudos potencializados por obras filmicas é lembrar, num ato de resistência pedagógica, que “o pensamento demanda pausa e descanso, ‘tomar seu tempo’, recapitular os passos já dados, examinar de perto o ponto alcançado e a sabedoria (ou imprudência, se for o caso) de o ter alcançado. Pensar tira nossa mente da tarefa em curso, que requer sempre a corrida e a manutenção da velocidade” (Bauman, 2001, p. 260).

Totalmente alinhado com as problematizações que Bauman delinea sobre a modernidade líquida, o protagonista, preso em um labirinto kafkiano, em sua frase final afirma sua situação como cidadão, indivíduo membro de um estado, com direitos políticos e civis que deveriam ser garantidos por esse. “Eu, Daniel Blake, sou um cidadão, nada mais, nada menos.” O filme lembra o espectador disso todo o tempo; Bauman, também. É imperioso que a Educação não deixe uma frase tão simples quanto essa cair no esquecimento.

Ainda, à guisa de encerramento, este artigo convida os professores a utilizarem, com mais frequência, obras fílmicas em suas aulas – ou seriados, que cada vez mais caem no gosto da população. Os filmes a serem escolhidos, obviamente, não cabem aqui serem indicados, dada a grande quantidade de opções disponível; além disso, como tratado neste texto, a experiência com um filme em sala de aula tem que visar, além do ao estudo do conteúdo, a uma experiência estética e, por isso, só o professor em exercício pode escolher a obra que julga ser mais indicada, pois é ele quem conhece a realidade e os anseios de sua turma.

Referências

- Argenti, P. A. F. (2010). “*Eu te amo*”, a representação do amor pós-moderno no filme de Arnaldo Jabor (Trabalho de conclusão de curso). Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação – UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil.
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade líquida*. Zahar.
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido*. Zahar.
- Bauman, Z. (2005). *Identidade – entrevista a Benedetto Vecchi*. Zahar.
- Bauman, Z. (2008). *Vida para consumo*. Zahar.
- Bauman, Z., & Bordini, C. (2016). *Estado de crise*. Zahar.
- Bauman, Z., & Raud, R. (2018). *A individualidade numa época de incertezas*. Zahar.
- Battaglia, R. Infográfico: qual o streaming com mais assinantes do mundo? *Super interessante*. 27 de maio de 2021. <https://super.abril.com.br/cultura/infografico-qual-o-streaming-com-mais-assinantes-no-mundo/>.
- Blasco, P. G. (2006). *Educação da afetividade através do cinema*. IEF - Instituto de Ensino e Fomento.
- Cassales, L. P. (2015). *A representação do mal-estar líquido no cinema de Michael Haneke* (Dissertação de mestrado). Programa de Pós-graduação em Comunicação Social – PUC, Porto Alegre, RS, Brasil.
- Garim, L., & Montoito, R. (2019). A utilização da linguagem cinematográfica como potencializadora para o estudo da Modernidade Líquida: olhares sobre Zygmunt Bauman para a educação contemporânea. In: Congresso Internacional De Educação, 8, 2019, Faculdade Palotina - FAPAS. *Anais...* Santa Maria.
- Gonçalves, H. A. C., & Lopes, M. H. (2013). A dignidade da pessoa humana e o valor social do trabalho. *Revista Direito Econômico e Ambiental*, 4(2), 129-145. 10.7213/rev.dir.econ.socioambienta.04.002.AO07

Han, B. C. (2020). *Sociedade do cansaço*. Vozes.

Kurtz, L. N. (2014). *A Sociedade líquida e os efeitos do desenvolvimento da Tecnologia: uma análise do filme Wall-e* (Trabalho de conclusão de curso). Faculdade de Comunicação – UPF, Passo Fundo, RS, Brasil.

Lopes, G. S., Souza, J. S., Lapa, P. S., Reis, M. N. de S., & Miranda, R. B. de. (2020). Desigualdades sociais e saúde: novas reflexões frente Bauman e Dalrymple. *Research, Society and Development*, 9 (12), p. e41291211393, 2020. 10.33448/rsd-v9i12.11393.

Marques, R. (2021). O professor em trabalho remoto no contexto da pandemia da covid-19. *Boletim de conjuntura*, 6 (16), 5-15. O Professor Em Trabalho Remoto No Contexto Da Pandemia Da Covid-19 | Zenodo.

Miraglia, L. M. M. O direito do trabalho como instrumento de efetivação da dignidade social da pessoa humana no capitalismo. *Revista do Tribunal Regional do Trabalho*, 49 (79), p. 149-162. O direito do trabalho como instrumento de efetivação da dignidade social da pessoa humana no capitalismo (tst.jus.br)

Monteiro, R., & Garim, L. (2020). Zygmunt Bauman vai ao cinema: filmes para entender a modernidade líquida. *Research, Society and Development*, 9 (7), p. e839974781. 10.33448/rsd-v9i7.4781.

Morin, E. (2004). *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Bertrand Brasil.

Morin, E. (2020). *É hora de mudarmos de via: as lições do coronavírus*. Bertrand Brasil.

Nogueira, M. A. (2009). Experiências estéticas em sala de aula: a formação cultural de futuros professores. In: Oliveira, R. J., & Lins, M. J. S. C. (orgs.). *Ética e educação: uma abordagem atual* (p. 127-136). CRV.

Oliveira, D. A., & Pereira Junior, E. A. (2020). Trabalho docente em tempos de pandemia: mais um retrato da desigualdade educacional brasileira. *Retratos da escola*, 14(30), 719-735. Trabalho docente em tempos de pandemia: mais um retrato da desigualdade educacional brasileira | Oliveira | Retratos da Escola (emnuvens.com.br).

Osório, M. C. (2013). *Maria Antonieta: uma abordagem cinematográfica do indivíduo contemporâneo* (Dissertação de mestrado). Programa de Pós-graduação em Comunicação Social – PUC, , Brasil.

Pachiega, M. D., & Milani, D. R. C. (2020). Pandemia, as reivindicações educacionais e o mal-estar docente: uma contribuição sob a ótica psicanalítica. *Dialogia*, 36, 220-234. Pandemia, as reinvenções educacionais e o mal-estar docente: uma contribuição sob a ótica psicanalítica | Pachiega | Dialogia (uninove.br).

Penafria, M. (2009). Análise de filmes: conceitos e metodologia(s). In: CONGRESSO SOPCOM, 6, 2009, Universidade do Porto. *Anais... Porto. Análise de Filmes - conceitos e metodologia(s)* (ubi.pt).

Silva, F. J., Marques, R., Marinho, P. R. R., Polak, A., Barbosa, V. G., Merlin, M. A. R., Cruz, M. B. de B., Ribeiro, G. A., Pereira, A. I. B., & Gomes, G. L. (2022). Educação na modernidade líquida: o desafio em educar. *Research, Society and Development*, 11 (2), p. e30211225953. 10.33448/rsd-v11i2.25953.